

Grupo de ativistas usa hoje as redes sociais para pedir a construção de um teatro na Serra; há mais de

UM SONHO DE ONTEM, UM SONHO DE HOJE

MOBILIZAÇÃO PELA CONSTRUÇÃO DE UM TEATRO NA SERRA UNE O PASSADO E O PRESENTE DO MUNICÍPIO

Ronda a Serra da atualidade um movimento social interessante. Trata-se de uma mobilização em torno de uma importante mudança cultural que deve ser encampada pela sociedade e, sobretudo, pelo poder público. Em torno do lema-título “Quero um teatro na Serra”, um grupo de ativistas elaborou páginas nas redes sociais, fez reuniões e criou um manifesto não só para sensibilizar a municipalidade a trabalhar para a construção de um teatro, mas também no sentido da edificação de bases mais sólidas para a cultura no município. Pedem que seja criado um Programa de Acesso às Artes e ainda que seja destinado o equivalente a 1% do orçamento municipal para a cultura.

Tais lutas encampam uma causa justa e conveniente para o desenvolvimento cultural da Serra, especialmente do teatro que, no território municipal, se resume a aparecer nos espaços das escolas, praças e pela iniciativa de abnegados atores e produtores que, pelo incentivo das leis de cultura, criam uma forma de levar uma das belas artes ao público em geral.

Acompanhando tal movimento pela internet, lembramo-nos de um outro mo-

vimento sociocultural em forma de campanha que ocorreu na Serra há muitos anos. Em uma época em que a cidade era bem diferente da atualidade, em um período anterior ao processo de urbano-industrialização que modificou completamente a estrutura produtiva principal da cidade. Estamos falando da Serra das primeiras décadas do século XX, precisamente aos anos da década de 10 desse século. Recentemente, descobrimos alguns documentos que no transcorrer das pesquisas vêm se associando de tal forma que estão possibilitando, pelo cruzamento das fontes e das técnicas da histórica social, novos conhecimentos históricos interessantes sobre estes anos da história da Serra.

São vários documentos que trazem listas de moradores e cidadãos da época associados a alguns fatores, especificamente à propriedade e à aquisição de dinheiro. Dois deles são: a listagem de proprietários de estabelecimentos comerciais e fábricas rurais que João Luiz Castello organizou em sua história do legislativo serrano; e também a publicação pelo Jornal “A Serra” dos participantes (como doadores) da grande campanha para a construção da Sede e Teatro da Sociedade Dramática Francisco Salles, que sacudiu a Serra naquele período.

Iniciativa no passado

Através dos registros destas fontes é possível cruzar os proprietários das casas comerciais e agrárias com os doadores da campanha para a construção do teatro daquele que deve ter sido o primeiro da Serra. Todos os registros da campanha foram publicados no período em que o extinto jornal “A Serra” esteve ativo, entre os anos de 1910 e 1911. São notas sobre a movimentação geral do grupo, e o mais interessante, uma série de listas de nomes de doadores com as respectivas quantias que doavam.

As listagens de nomes de doadores eram sempre precedidas pela seguinte manchete e nota:

“LOUVÁVEL INICIATIVA

Damos a seguir os nomes dos beneméritos cidadãos que concorreram com as esportulas para a construção de um prédio destinado à instalação da Sociedade Dramática recém-fundada nesta cidade. Não regatearemos os mais calorosos e entusiásticos aplausos aos dignos cavalheiros que tão cabalmente souberam compenetrar-se dos seus deveres patriotas, correspondendo soberanamente ao justo apelo da distinta diretoria, ao passo que poderemos ao

mais triste relevo o procedimento repelente e lastimável de espírito retrógrado, que no horizonte exíguo onde se debatem não se pejam de obstar à realização das ideias elevadas e progressistas. Cada um dá o que tem...”

É bem provável que tenha colaborado com a produção de tal texto, em um estilo muito corrente à Serra, aos discursos e à língua da época, o eminente professor João Loyola. Ele, além de professor importante de grupos de meninos da Serra, era orador, secretário de Irmandades Religiosas e também um dos líderes do movimento teatral da época, quando era diretor da Sociedade Dramática e também ator. Vê-se no texto a gratidão para com os que ajudavam com dinheiro para a obra de construção do prédio, cuja iniciativa era tida como exemplo de patriotismo, progressismo e amor à cultura se desenvolvendo na cidade. Ao contrário, o texto ressalta que na época havia “espíritos retrógrados” que buscavam “no horizonte exíguo onde se debatem (...) obstar à realização das ideias elevadas e progressistas”. Ao acompanharmos as leituras do jornal “A Serra” é possível observar que naquela época havia uma divisão em grupos antagônicos, que reverberava ➤

cem anos, na mesma cidade, empresários fizeram doações para erguer prédio de sociedade dramática

IMAGEM RETIRADA DO LIVRO "MEMÓRIA FOTOGRÁFICA DA SERRA", DE PAULO DE BARROS



O prédio da Sociedade Dramática Francisco Salles era situado na atual Avenida Getúlio Vargas e possuía várias janelas que eram dispostas em todas as suas faces

> também no plano da cultura. Assim, a palavra crítica do movimento cultural da época não se direcionava apenas às pessoas que não doaram para a campanha, mas sim às pessoas que lutavam contra o movimento teatral e também a todo um projeto que se efetivava na Serra que era identificado com o progresso e com a elevação.

Doações

As listagens de proprietários organizadas por João Luiz Castello somam um total de 44 donos de fábricas agrícolas para um total de 51 estabelecimentos. E também um total de 75 proprietários de casas comerciais urbanas para um conjunto de 80 pontos de comércio. O número de donos e de estabelecimentos é discrepante pelo fato de, na época, haver indivíduos mais abastados, que eram donos de mais de um ponto de comércio ou fábrica agrícola.

Eram, portanto, 119 proprietários-comerciantes que foram registrados pelos censos do período. Destes, foram doadores na campanha de construção do primeiro teatro da Serra um montante de 38, o que equivale a 29,5% do número total de gene-

rosos. Entre estes, se encontravam cidadãos comuns, lavradores, membros de outras cidades, como o próprio governador do Espírito Santo na época, Jerônimo Monteiro (muito elogiado pela redação do jornal, diga-se de passagem), e também o padre. Estes indivíduos naturalmente não apareceram entre os nomes dos proprietário de casas comerciais ou fábricas rurais, relacionadas à produção de cana e de café, que eram o forte da Serra na época.

Do número de doadores, 24 eram donos de casas comerciais urbanas espalhadas no centro da Serra, principalmente, mas também em outros núcleos de povoamento. Destes 24 comerciantes progressistas e generosos com a causa da cultura teatral na Serra, seis eram mais ricos e tinham também fábricas agrícolas. E do total de 14 proprietários agrícolas, sete possuíam mais de um estabelecimento, o que possibilitava doações bem generosas.

Por exemplo, João Dalmácio Castello, o que fez a doação mais gorda para a causa do teatro na Serra (20 mil réis) tinha apenas uma casa comercial. Mas era uma das maiores da cidade na época. Um outro membro da família

Castello que doou foi Belmiro Geraldo Castello, comerciante que concorreu para a causa do teatro serrano com 10 mil réis. Outro comerciante que fez uma boa doação (16 mil réis) foi Francisco Pinto da Costa. Manoel Francisco de Mello Coutinho, proprietário de uma casa comercial e também de uma fábrica agrícola doou também 10 mil réis. Um outro próspero proprietário foi Osório Pereira que tinha, pelo jeito, 2 casas comerciais e uma fábrica agrícola, mas que fez uma doação mais modesta, concorrendo com a esportula de apenas 2 mil réis.

A arrecadação foi feita pela diretoria da Sociedade Dramática, o dinheiro foi recolhido e as obras começaram. Construíram um amplo prédio em um pavimento, contendo provavelmente um grande salão. Pelas fotos que temos deste edifício, que era situado na atual Avenida Getúlio Vargas, próximo ao Supermercado Falqueto da Serra-Centro, possuía várias janelas que eram dispostas em todas as suas faces.

Ali apresentavam peças teatrais encenadas e construídas pela Sociedade Dramática e também há notícias que exibiam até películas cinematográficas. O que ocorreu durante vários anos.

Inspiração

Como se pôde ver, um movimento cultural em prol de um teatro não é uma originalidade ou uma "louvável iniciativa" apenas da atualidade. Em tempos antigos, amantes da encenação teatral e da vida cultural lutaram da mesma forma para que a Serra não se diferísse de outras cidades brasileiras e tivesse não só uma Sociedade Dramática (em Vitória havia várias, por exemplo), mas também um prédio sede, um teatro onde o público poderia ser recebido para divertir-se e emocionar-se com peças variadas, nacionais e estrangeiras.

Não sabemos se o formato de arrecadação para a construção de um teatro realizado no passado se realizaria a contento no presente. Talvez até sim, se algo for bem organizado dentro dos conceitos atuais. Mas o mais importante é que o movimento atual, o município e a sociedade em geral se inspirem em tal empreitada na luta por um teatro e por mais apoio à cultura de hoje em dia. Afinal de contas, queremos um teatro na Serra. E querer é um belo passo rumo ao poder.